

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

ILUSTRADA
COM CÊRCA DE
15.000 GRAVURAS



VOLUME XII

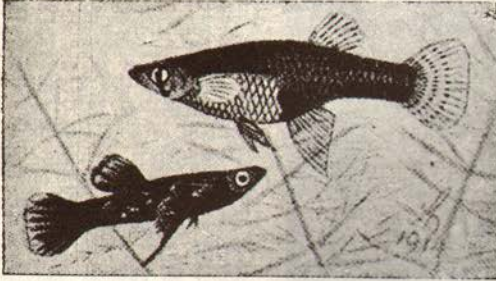
EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, LIMITADA
LISBOA RIO DE JANEIRO

GAMBU, s. m. Variedade de catechu de côr clara, extraído da *Nauclea Gambir* Hunter.

GAMBUÊ. Rio de Angola, afluente da margem esquerda do Lungue-Bungo.

GAMBUÊS, s. m. pl. ETNOG. V. *Gambos*.

GAMBUSIA, s. m. ZOOLOGIA. Género (*Gambusia*) de peixes teleosteos fisóstomos, da família dos ciprinodontídeos, tribo dos gambusiíneos, com várias espécies americanas, de que é tipo a *G. nobilis* Poey, do Texas.



Gambusia (Schizophallus holbrookii)

Estes peixes são grandes destruidores de larvas, empregando-se por este motivo no combate ao paludismo. A sua distribuição em Portugal tem sido feita por várias entidades, e entre elas o Instituto Bacteriológico Câmara Pestana.

GAMBUSIÍNEOS, s. m. pl. ZOOLOGIA. Tribo (*Gambusiinae*) de peixes teleosteos fisóstomos, da família dos ciprinodontídeos, com vários géneros americanos, cujo tipo é o *Gambusia* Poey.

GAMEDIM, s. m. Nome de um instrumento cirúrgico, usado antigamente.

GAMEIRO, adj. Diz-se de uma variedade de milho amarelo. (Cf. *Portugal Agrícola*, 9.º ano, p. 367).

GAMEIRO (Alexandre Nunes). Bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra, n. em Tôres-Vedras em 1706, ignorando-se a data da sua morte. Escreveu: *Metro fúnebre harmonia triste entoada pela Deidade, da Amizade a inspiração da saúde, na morte do sr. Manuel António Gameiro*, Lisboa, 1744. Deixou em manuscrito um volume de poesias várias: comédias, loas, sonetos, romances, etc.

GAMEIRO (Alfredo Joaquim). Funcionário da Imprensa Nacional, poeta e escritor teatral, n. em 5-V-1863 e m. em 28-X-1942. Escreveu grande número de peças teatrais, muitas delas representadas, como: *Rosa sem espinhos*, 1 acto, com música de Rodrigues Gomes; *Cego de amor*, 1 acto, com música do mesmo compositor; *Milagre de aldeia*, opereta em 3 actos, em colaboração com Raúl Leal e Artur Horta, música do maestro Fernandes Fão; *Pilhas e peras*, revista em 2 actos, com Raúl Leal e Cândido Malheiro, música dos maestros Vasco de Macedo e Luz Júnior; *Cartas, são papéis*, comédia em 1 acto, que foi a segunda classificada num concurso de peças, organizado pelo jornal *A Capital*; *Cortal...*, revista em 1 acto, com música de Joaquim Silva; *Cair!* e *O vestidinho*, monólogos em verso. Deixou inéditas: *Luta de Águias*, opereta em 3 actos, com Raúl Leal e Artur Horta, música de Fernandes Fão; os dramas *Corpo e Alma*, *Caminhos diversos* e *Voto Sagrado*; a opereta em 1 acto, *A canção do rouxinol*, e a comédia em 3 actos,

O Reino da Harmonia. Uma das suas peças foi premiada nos «Jogos Florais» da Imprensa Nacional, casa onde trabalhou durante cinquenta anos. Foi um dos sócios fundadores da Sociedade dos Escritores e Compositores Teatrais Portugueses. Por iniciativa de Alexandre Rosado da Conceição, director do quinzenário *O Comércio da Ajuda*, de que foi um assíduo colaborador, foi homenageado com a edição de um livro das suas poesias, com o título *Os meus versos*, publicado em 1936, com um prefácio de Cardoso dos Santos.

GAMEIRO (Alfredo Roque). Aquarelista e desenhador de excepcional relêvo na História da Arte Portuguesa dos últimos tempos, n. em Minde, conc. de Pôrto-de-Mós, a 4-IV-1864, e m. em Lisboa a 5-VIII-1935. Revelando desde muito novo acentuadas tendências para as artes do desenho, alimentava, todavia, o grande sonho de ser oficial de Marinha quando aos 10 anos de idade veio para Lisboa com este pensamento. Mas, teve que mudar o rumo à vida, e, assim, se dirigiu para as oficinas litográficas de seu irmão Justino Guedes, no Conde-Barão, desta cidade. O assunto que mais o seduzia era a arquitectura naval, o que revela coerência com as primeiras inclinações para a vida do mar. Antes,

porém, de se fixar nas oficinas de seu irmão, havia passado por outra casa da mesma especialidade, onde entrou como aprendiz; esse estabelecimento era o de Castro & Irmão. Quando, em 1893, surgiu a idéia de se criarem, no país, algumas escolas industriais, mais ou menos com as actuais características, Roque Gameiro dirigiu-se para a Alemanha, onde, na Escola de Artes e-Ofícios de Lúpsia, estudou os modernos processos da litografia. Tal foi o proveito obtido nesse trabalho e de tal maneira se houve na aplicação que dêle fez ao cabo

de três anos de permanência naquêl estabelecimento de ensino, que foi premiado. Dois anos depois regressou a Lisboa e voltou às oficinas do largo do Conde-Barão, desenvolvendo ali uma notável actividade, mercê dos novos conhecimentos que trouxera do estrangeiro. O seu engenho nos processos litográficos, acompanhado da grande vocação para o desenho, fizeram com que Roque Gameiro, mesmo antes da sua estadia na Alemanha, realizasse obras de reconhecido valor artístico e técnico, pois em 1887 já tinha impressos e prontos a lançar no mercado os *Tipos Populares Portugueses*, de colaboração com Manuel de Macedo, R. Bordalo Pinheiro e Columbano Bordalo Pinheiro, trabalho que executou a 12 e a 14 côres. No ano seguinte apresenta-se na Exposição Industrial Portuguesa, com trabalhos seus, em matéria litográfica, que melhorara, por pura e simples intuição sua. Também de sua invenção, pôs em prática novos processos de simplificar o desenho litográfico, o que registou em Portugal, Espanha e na Áustria, mas a deslealdade de alguns seus companheiros de oficina revelaram o segredo e foram explorar-lhe as vantagens para o estrangeiro.

Em 1892, um grupo de aquarelistas pensou em fundar



O aquarelista Alfredo Roque Gameiro

uma espécie de academia onde o estudo da aguarela se pudesse desenvolver. Coube essa iniciativa a Henrique Casanova, sendo Roque Gameiro o que mais se salientou nessas aulas e nos resultados nelas obtidos. Passaram por ali: Ribeiro Artur, R. Hogan, o Visconde de Coruche, Artur Lôbo de Ávila, D. Fernando de Serpa, José Malhoa e Jaime Verde. De aí em diante, Alfredo Roque Gameiro afirmou-se cada vez com maior brilho; assim, na exposição do «Grémio Artístico» desse ano, distinguiu-se com o seguinte trabalho: *Na Ponta dos Corvos*, em que obteve a 3.ª medalha, obra que mais tarde foi, pelo autor, enviada a uma exposição de Berlim. O impulso que deu à idéia e o aperfeiçoamento com que enriqueceu a aguarela em Portugal, valeram-lhe, numa exposição a que concorreu no Palácio de Cristal, do Pôrto, por parte da crítica, a classificação de primeiro aguarelista português. Em 1893 foi nomeado professor da antiga Escola do Príncipe Real, ano em que num certame do «Grémio Artístico» obteve a medalha de terceira classe, expondo nessa ocasião: *Pionias, Retrato de Libânio da Silva, Emboscada, Pierrette* (estudo) e *Em Minde*. No ano seguinte concorreu também ao «Grémio» com duas paisagens, um *Retrato da M.ª Maria Gomes* e um *Estudo de figura do século XVII*. Em 1896 obteve do «Grémio Artístico» a medalha de 2.ª classe. Como as suas qualidades de pintor progrediram sempre, no ano imediato obteve a medalha de 1.ª classe em *Costa de Caparica*, e mais três aguarelas de idêntico mérito artístico. Não fugindo a dificuldades, Roque Gameiro ataca o retrato com a mesma perfeição com que tratava a paisagem, enviando a Paris, à exposição de 1900, o *Retrato de sua mãe*, em que alcançou a elevada recompensa de «medalha de ouro». A sua glória de artista consumado ascendeu sempre, conseguindo do júri da Sociedade Nacional de Belas-Artes a suprema recompensa: a «Medalha de Honra», na exposição que em 1913 ali se realizou e que correspondeu à inauguração da nova sede, da Rua de Barata Salgueiro. Roque Gameiro foi, além de exímio pintor de aguarela, um admirável ilustrador, qualidades que muito desenvolveu com a companhia de Manuel de Macedo, espírito de larga cultura e também um desenhador muito apreciado. Por sua iniciativa e sob a sua orientação se editaram alguns números do *Natal do Século*, a *História das Toiradas* e outras publicações que saíram das oficinas da Companhia Nacional Editora. Dedicando-se ao estudo dos costumes e dos tipos populares portugueses, executou vários *Aspectos da Vida Portuguesa na 1.ª metade do séc. XIX*, e uma obra de grande valor etnográfico que, infelizmente, não chegou a concluir-se: *Portugal de algum dia*, em que Matos Sequeira se tinha encarregado do texto. Em 1908 organizou, com seu irmão Justino Guedes, uma exposição de obras suas, que destinou e enviou ao Rio-de-Janeiro. Dessa altura em diante muito se deve à sua actividade, expondo na S. N. de Belas-Artes, em 1910, a aguarela *Provando o jantar*, que o Estado adquiriu para o Museu de Arte Contemporânea. Por esta época instalou o seu «atelier» na rua de D. Pedro V, onde em 1911, e na companhia de seus filhos: Raquel, Helena e Manuel, fez uma notável exposição de aguarelas. No seu activo contam-se ainda as esplêndidas aguarelas para os *Quadros da História de Portugal*, trabalhos executados durante os anos de: 1913, 1914 e 1915. Mais tarde apresentou-se em 1920, no Rio-de-Janeiro, com sua filha Helena, onde alcançaram grande êxito, estendendo êsse certame à cidade de S. Paulo, onde inaugurou nova exposição com cerca de 90 quadros. Roque Gameiro

ilustrou também, com assinalado brilho, a *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, de Carlos Malheiro Dias, sendo igualmente obra sua a *Lisboa Velha*, cujo texto pertence a Afonso Lopes Vieira. Este trabalho compreende nada menos de 100 aguarelas com tipos e lugares da capital. No estrangeiro foi altamente consagrado, obtendo numa exposição de Barcelona, 1929, a mais elevada recompensa artística, constituída pelo «Diploma de Honra», de 1.ª classe. A saúde do mestre começou em 1933 a sentir-se abalada, mas ainda fez, com suas filhas Raquel e Helena, uma importante exposição de aguarela no Pôrto. Devido ao cuidado que os assuntos artísticos da cidade sempre lhe mereceram, a Câmara Municipal de Lisboa conferiu-lhe a «Medalha de Ouro do Mérito Municipal», em companhia do eng. Vieira da Silva e do arqueólogo Matos Sequeira. Em homenagem ao artista, a mesma câmara deu o seu nome ao jardim do Cais-do-Sodré, desta cidade.

GAMEIRO (Helena Roque). V. *Gameiro Leitão de Barros (Helena Roque)*.

GAMEIRO (Mãmia Roque). V. *Gameiro Martins Barata (Mãmia Roque)*.

GAMEIRO (Manuel Roque). Aguarelista, n. em Lisboa a 12-IV-1890 e m. na mesma cidade a 25-IX-1944. Filho de Alfredo Roque Gameiro, foi um continuador, como seus irmãos, das tradições artísticas de seu pai, dedicando-se à pintura de aguarela, em que obteve êxitos conhecidos e muito apreciados. A sua actividade, que foi grande e diversa, desviou-se também para o género humorístico, colaborando em vários jornais, e não esqueceu a gravura, prestando, nessa especialidade, valiosos serviços no Instituto Geodésico e Cadastral. Influenciado pelas modernas correntes de arte, deu aos seus trabalhos um cunho avançado, expondo nos salões dos Independentes várias pinturas de feição moderna com processos de técnica moderna entre nós, e sob cuja orientação trabalhava ultimamente.

GAMEIRO (Raquel Roque). V. *Gameiro Ottolini (Raquel Roque)*.

GAMEIRO (Rui Roque). Escultor, n. em 27-II-1907 e m. tragicamente num desastre de viação, nos arredores de Sintra, a 18-VIII-1935. Filho de mestre Roque Gameiro, desde muito novo manifestou acentuada inclinação para as artes do desenho. Por outro lado, o ambiente da casa educou-lhe o espírito, o que muito lhe facilitou o ingresso na Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde fez o curso de Escultura desde 1921 a 1923, ano em que terminou os seus trabalhos escolares com uma prova da especialidade representada pelo grupo *Abel e Caim*, classificada com a nota de 15 valores. No ano seguinte expôs, pela primeira vez, na S. N. de Belas-Artes, apresentando a estátua *Salomé* e um retrato do pintor José Tagarro que, pelas suas qualidades, mereceu ser escolhida pelo Estado e se destinou ao Museu de Arte Contemporânea. A carreira artística deste escultor imediatamente se tornou digna de especial atenção, sobretudo quando ela se ocupava da parte monumental em



Rui Roque Gameiro

Contemporânea. A carreira artística deste escultor imediatamente se tornou digna de especial atenção, sobretudo quando ela se ocupava da parte monumental em

que foi mestre e justamente consagrado. São de sua autoria os monumentos aos Mortos da Grande-Guerra de Abrantes e de Lourenço-Marques. Foi igualmente autor do projecto do monumento ao Infante de Sagres (aprovado), cujos pormenores, executados em tamanho definitivo, foram levados às Exposições de Paris, de 1938, e de Nova-Iorque, de 1939. Por expressa deliberação da família e com o espólio por êle deixado, foi instituído o prémio «Rui Gameiro-Maria Helena», que, anualmente, a Escola de Belas-Artes concede ao mais distinto aluno finalista do curso de Escultura. Rui Gameiro era casado com Maria Helena Castelo-Branco, com êle falecida no mesmo desastre, recordado hoje no próprio local com um singelo monumento.

GAMEIRO (Viscondes de). Foi 1.^a viscondessa d'êste título, D. Camila Leonor Júlia Gameiro, que n. a 22-II-1817 e casou a 4-IV-1830 com José Ricardo da Silva e Horta, visconde de Gameiro, pelo seu casamento, moço da câmara imperial do Brasil, coronel de uma legião da Guarda Nacional no dito império, comendador da Ordem de Cristo (do Brasil), o qual n. a 7-II-1799, filho de António Manuel Pereira da Silva, sargento-mor de Auxiliares da Baía, e de sua mulher, D. Francisca Rodrigues Horta. Não tiveram geração. A viscondessa era filha única e herdeira de Manuel Gameiro Pessoa, 1.^o visconde, com grandeza, e 1.^o barão de Itabaiana, no Brasil, grã-cruz da Ordem do Cruzeiro-do-Sul (brasileira) e da Ordem da Torre-e-Espada, ministro plenipotenciário do Imperador do Brasil junto das côrtes de Viena de Áustria e Nápoles, etc., e de sua mulher. O título foi-lhe concedido por dec. de 20-VIII-1851 e carta de 24 do dito mês e ano (D. Maria II).

GAMEIRO DE SOUSA (D. António Freire). Prelado, n. em Lisboa a 22-II-1727 e m. em Aveiro a 3-XI-1799. Exerceu o magistério na Faculdade de Cânones, de Coimbra, sendo deão da Sé de Lamego. Criado a diocese de Aveiro, foi nomeado seu primeiro bispo em 18-IV-1774. Entrou na diocese em 1-VIII. Fundou um seminário em Vista-Alegre.

GAMEIRO LEITÃO DE BARROS (Helena Roque). Notável aquarelista e professora, n. a 2-VIII-1895. Estudou desde muito nova a aquarela, especializando-se, mais tarde, no género de flores, em que muito se distinguiu. O prestígio da sua técnica e o desenvolvimento dado às «naturezas mortas» marcaram acentuadas características que formaram escola entre as suas numerosas discípulas. Possuidora já da medalha de 1.^a classe na S. N. de B.-Artes, acompanhou seu pai ao Brasil, onde os seus trabalhos de sabor bem feminino foram justamente apreciados. Está representada nos museus nacionais, no Museu de Arte Contemporânea de Madride e no do Rio-de-Janeiro. Em exposição realizada em Madride, foi-lhe adquirido um dos seus trabalhos pela rainha Vitória Augusta. Como professora muito lhe deve o ensino das Artes Decorativas com a regência da primeira Escola Industrial de Arte Aplicada, criada em Lisboa em 1920. Exerceu durante 25 anos o magistério na Escola António Arroio, sempre com louvores, o que lhe granjeou a distinção de grande oficial da Ordem da Instrução Pública.

GAMEIRO MARTINS BARATA (Mãmia Roque). Pintora, n. em Lisboa a 7-IX-1901, sendo a filha mais nova de Mestre Gameiro, de quem foi brilhante discípula, como igualmente o havia sido de Mily Possoz. Guiada por decidida intuição artística, em breve se afirmou uma artista original com invulgar tendência para a interpretação das minúcias por tal delicadeza de forma

que dificilmente se torna a exceder. Aplicou parte dessa aptidão em desenhar motivos de histologia por forma a merecer grandes elogios por cientistas nacionais e estrangeiros. Embora se dedicasse à pintura a óleo e a «gouaches», de que deu provas numa exposição sua feita em 1925, a principal tendência do seu espírito ia para a ilustração de livros infantis, o que fez com excepcional graça e ternura, com grande proveito para os olhos e para a inteligência de quem os lia. Trabalhou também em esmalte de Limoges com igual perfeição e desenvolvimento. É casada com o pintor Jaime Martins Barata.

GAMEIRO OTTOLINI (Raquel Roque). Pintora e ilustradora, n. em Lisboa a 15-VIII-1889, sendo filha de Alfredo Roque Gameiro. Desde muito cedo começou a manifestar a sua inclinação para as artes do desenho, sentindo-se particularmente atraída para a ilustração, género em que se notabilizou com larga colaboração em livros e em jornais: Fêz a sua estreia como ilustradora das obras de Ana de Castro Osório, intituladas: *Para as Crianças*, única publicação que, ao tempo, existia no género. Depois disso, colaborou em diversos jornais, revistas e livros, entre os quais se conta o *Mandarim*, de Eça de Queirós, e alguns contos infantis de António Sérgio. Expôs, pela primeira vez, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde sucessivamente obteve os prémios, de 1.^a medalha, medalha de honra e «hors concours». Fêz também exposições de trabalhos seus na «Casa de Portugal», de Londres, e na «Society of Women Artists Exhibition». A ilustre artista, que expôs individualmente em Lisboa e no Pôrto, está amplamente representada com obras da sua autoria em Portugal, no Museu de Arte Contemporânea, e estabelecimentos congêneres na capital espanhola.

GAMEITA, s. f. *Prov. trasm.* O mesmo que galho. (Cf. Gonçalves Viana, in *Revista Lusitana*, I, p. 211).

GAMELA¹, s. f. Vasilha grande, em forma de tigela, geralmente de madeira, em que se dá o comer aos animais. ♦ Escudela, vasilha em que vem a comida para a mesa, entre os rústicos: «Seguiu-nos para a mesa uma grandíssima gamela de batatas», Camilo, *Doze Casamentos Felizes*, p. 125. ♦ Aquilo que se come; alimentação; mesa: «Sucedia passar o dia inteiro esperneado junto deles e comer do seu passado. Com isso não eram êles prejudicados, porquanto mais do que nunca lhes abastecia a gamela do essencial», Aquilino Ribeiro, *O Servo de Deus*, p. 227. ♦ *T. de Buarcos.* Vasilha de madeira de forma especial que se usa para dentro dela escascar as rêdes. ♦ Erva santomense, de fruto leitoso e medicinal. ♦ *T. da ilha das Flores.* O mesmo que prata. ♦ *Bras. Pop.* O mesmo que mentira. (Cf. Alberto Bessa, *A Gíria Portuguesa*, p. 156). ♦ *Bras. Gr.* A bôca. ♦ *Tapar a gamela*, fazer calar. (Cf. Raúl Pederneiras, *Geringonça Carioca*, s. v.). ♦ *T. de Amarante.* Barquinho de fundo chato, e próximamente triangular. (Cf. *Portugalia*, II, p. 451). ♦ *T. de Moncorvo.* Cada uma das duas curvaturas da canga. (Cf. *Portugalia*, II, p. 628). ♦ *Prov. alent.* Cavidade na canga dos bois onde entram as dobras do apêro. ♦ *Comer da mesma gamela*, viver em intimidade, conviver muito; ter opiniões e interesses comuns. (Do lat. *camella*).

GAMELA², s. f. Corça pequena. (De *gama*)¹.

GAMELA³, s. m. Indivíduo boçal, estúpido, lórpa. ♦ *Prov. alent.* Indivíduo avarento, mesquinho, pouco esmolero.

GAMELA⁴, adj. 2 gén. Relativo aos Gamelas. ♦ S. 2 gén. Indivíduo dessa tribo.

GAMELADA, s. f. Porção de comida que uma ga-